

A VIDA HUMANA NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

♦ Pe. Diego Lelis, cmf ♦

"CRIOU DEUS O SER HUMANO À SUA IMAGEM, À IMAGEM DE DEUS O CRIOU." (GN 1,27)

"O ESSENCIAL É INVISÍVEL AOS OLHOS."
(ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY)

Há uma cena que, de tão comum, talvez já nem nos espante. Uma pessoa sentada diante da tela do celular, procurando uma resposta rápida. Pergunta o melhor caminho que a livre dos engarrafamentos, organiza a agenda, escolhe uma música, escreve uma mensagem rápida de aniversário para alguém, edita uma imagem para atender melhor às expectativas do seu público, pede uma opinião, compara preços. Em poucos segundos, uma pequena máquina parece saber muito sobre seus gostos, seus horários, suas palavras mais usadas, suas preferências, seus medos e até seus projetos.

A tecnologia entrou em nossa casa sem bater à porta. Sentou-se à mesa e tomou o espaço do diálogo em nossas refeições, ocupou o bolso, atravessou a escola, o trabalho, a oração, a política, a economia, as relações. Está no relógio que mede nossos passos, no aplicativo que sugere o que devemos comprar, no algoritmo que decide o que veremos primeiro, na voz artificial que nos responde com paciência. E, diante de tudo isso, talvez a grande pergunta não seja apenas o que a inteligência artificial pode fazer por nós, mas o que ela pode fazer conosco.

Imagem: Drobot Dean / Adobe Stock

A publicação da encíclica *Magnifica humanitas*, do Papa Leão XIV, sobre a salvaguarda da pessoa humana na era da inteligência artificial, chega até nós como um convite para pensarmos sobre o papel da IA e o lugar do ser humano. Não como medo do futuro ou de um presente que nos desafia e desinstala. Não como rejeição do progresso. Mas como discernimento. A Igreja, quando olha para os sinais dos tempos, deve fazê-lo com a sabedoria do Evangelho, perguntando sempre pela vida, pela dignidade, pela justiça, pela verdade e pelo cuidado.

A inteligência artificial pode ajudar. Seria injusto negar isso. Ela pode facilitar pesquisas, aproximar saberes, auxiliar diagnósticos, ampliar formas de comunicação, favorecer processos educativos, organizar trabalhos, tornar acessíveis conteúdos antes distantes. Há nela uma potência real, e toda potência humana precisa ser acolhida com responsabilidade. O problema começa quando a ferramenta deixa de ser instrumento e passa a ocupar o lugar da consciência. Quando a resposta rápida substitui o pensamento. Quando a eficiência toma o lugar do discernimento. Quando a imagem perfeita apaga a verdade do rosto. Quando a máquina aprende cada vez mais sobre nós, enquanto nós começamos a esquecer quem somos.

É precisamente aqui que a fé cristã tem uma palavra a oferecer. O ser humano não é apenas dado, perfil, cálculo, consumo, produtividade ou desempenho. O ser humano é imagem de Deus. Tem rosto, corpo, memória, história, fragilidade, desejo, feridas, esperança, vocação e alma. Nenhum sistema é capaz de medir plenamente a dor de uma mãe diante do filho enfermo, a saudade que aperta o peito de quem perdeu alguém, o silêncio de quem reza, o cansaço de quem trabalha para pôr o pão na mesa, a alegria simples de uma família reunida, o gesto de quem estende a mão sem esperar retorno. A alma não cabe no algoritmo.

Talvez essa seja uma das verdades que mais precisamos recordar. Podemos organizar informações, mas não podemos reduzir a vida ao que pode ser processado. Podemos produzir imagens, mas não podemos fabricar presença. Podemos simular respostas afetuosas, mas não podemos substituir o encontro. Podemos acelerar tarefas, mas não podemos apressar o amadurecimento do coração. Há dimensões da existência que só se compreendem pela convivência, pela escuta, pela paciência e pelo amor.

Jesus de Nazaré não salvou a humanidade por meio de um sistema. Salvou encontrando pessoas. Ele olhou nos olhos



da samaritana junto ao poço. Tocou o leproso que todos evitavam. Chamou Zaqueu pelo nome. Chorou diante do túmulo de Lázaro. Sentou-se à mesa com pecadores. Escutou o grito dos cegos à beira do caminho. Deixou que uma mulher marcada pela dor tocasse em suas vestes. Caminhou com discípulos desanimados na estrada de Emaús. Partiu o pão. Lavou os pés. Entregou a vida.

O Evangelho é profundamente humano porque nos ensina que, antes da função, existe uma pessoa. Antes do número, um rosto. Antes da eficiência, uma vida. Antes da resposta, uma escuta. Antes da produtividade, uma dignidade que não pode ser negociada. O Cristo não nos tratou como peças de uma engrenagem religiosa. Tratou-nos como filhos e filhas amados pelo Pai.

Por isso, a discussão sobre a inteligência artificial não pode ser apenas técnica. Ela é espiritual, ética e profundamente humana. Que mundo estamos construindo quando deixamos algoritmos decidirem o que vemos, o que desejamos, o que consumimos, quem encontramos e até de quem desconfiamos? Que tipo de coração vai sendo formado quando as relações se tornam respostas automáticas e

a verdade passa a ser manipulada por imagens, vozes e textos que parecem reais, mas podem nascer da mentira? Que humanidade permanece quando trabalhadores são descartados em nome da eficiência e quando os pobres, os idosos, os migrantes e os vulneráveis se tornam ainda mais invisíveis diante de sistemas que não conhecem compaixão?

Uma sociedade que já descartava pessoas antes das máquinas corre o risco de usar as máquinas para descartar com mais velocidade. Esse é o perigo. Não a tecnologia em si, mas o coração humano quando se acostuma a usar tudo sem perguntar a quem serve. A pergunta cristã precisa ser outra: essa inteligência está a serviço da vida? Está a serviço dos pobres? Está a serviço da verdade? Está a serviço do cuidado? Ajuda-nos a sermos mais humanos ou apenas mais rápidos?

Talvez o grande desafio deste tempo seja aprender a usar a inteligência das máquinas sem perder a sabedoria do coração. Precisamos de tecnologia, sim, mas precisamos ainda mais de consciência. Precisamos de inovação, mas também de ternura. Precisamos de ciência, mas também de ética. Precisamos de ferramentas, mas não podemos

abrir mão da responsabilidade. O mundo não será salvo por respostas mais velozes, se perdermos a capacidade de olhar nos olhos. Não haverá futuro verdadeiramente humano se a mesa estiver vazia, se o trabalhador for esquecido, se a verdade for adulterada e se a dignidade dos pequenos continuar sendo tratada como detalhe.

A fé cristã nos lembra que Deus não criou um dado. Criou uma pessoa. Não soprou vida em uma estatística. Soprou vida em um ser capaz de amar. E esse sopro divino permanece em cada ser humano, mesmo quando o mundo tenta reduzi-lo a função, mercado ou imagem. Reconhecer isso é uma forma de resistência. Cuidar do humano, neste tempo de tantas inteligências artificiais, talvez seja uma das expressões mais urgentes da nossa fé.

Que saibamos, então, atravessar este tempo com lucidez e esperança. Que a tecnologia esteja em nossas mãos, mas não governe o nosso coração. Que ela nos ajude a servir melhor, educar melhor, cuidar melhor, comunicar melhor. Mas que nunca nos roube o silêncio, a oração, a memória, a compaixão, a verdade e a capacidade de reconhecer no outro a imagem viva de Deus. ●

Oração

Senhor, dá-nos sabedoria para viver este tempo novo sem nos perdermos de nós mesmos e dos nossos irmãos e irmãs. Ensina-nos a usar com responsabilidade aquilo que a inteligência humana criou, sem esquecer que toda inteligência deve servir ao amor. Que as máquinas nos ajudem, mas não nos substituam no cuidado. Que os algoritmos organizem caminhos, mas não apaguem o rosto dos irmãos. Que a técnica avance, mas que a ternura caminhe conosco. E que, em cada escolha, saibamos recordar que fomos criados à tua imagem e chamados a fazer da vida um gesto de encontro, serviço e esperança. Amém.